

Patrimônio vivo: “Niseriando” em sinuosidades e percursos da arte bruta na consolidação do processo de reforma psiquiátrica brasileira.

Mircele Massirer Rodrigues da Silva (PG);¹

Heloisa Helena F. G. da Costa (O);²

Rita de Cássia Barcellos Bittencourt (CO).³

Resumo

Colocar em jogo o princípio de que o Patrimônio Cultural é um instrumento significativo para a inclusão social, propõe um deslocamento da ideia de patrimônio como algo apenas do passado, recolocando-o como algo vivo e pulsante como tem sido a produção cultural dos usuários da saúde mental. As ideias revolucionárias da “Dra.” Nise da Silveira acerca das formas de tratamento oferecidas aos doentes mentais foram as precursoras do caminho que hora se anuncia. A reforma psiquiátrica brasileira emerge da ruptura com o modelo nosocomial, em busca da extinção progressiva destas superestruturas, para a constituição de uma rede de dispositivos territoriais de cuidado. O ideário Niseriano propôs uma ruptura com a primitividade das práticas como eletrochoque e lobotomia, instituindo novas formas de cuidado em saúde mental. Ao reinaugar a sessão de terapêutica ocupacional do hospital do Engenho de Dentro atual Instituto Nise da Silveira, Nise da Silveira estava empreendendo a primeira grande reforma psiquiátrica brasileira, a transformar em verdadeiros ateliês terapêuticos os espaços de pintura e criação para os usuários do em sofrimento mental, formas mais humanas de cuidado. Este artigo pretende evidenciar a potencialidade da Arte Bruta (a arte produzida por pessoas em sofrimento mental), considerando-a como um Patrimônio Cultural simbólico do ser humano. Desse modo, ao utilizar atividades artísticas nos diferentes serviços de atenção psicossocial da rede de atenção psicossocial, os usuários podem criar obras de caráter artístico, as quais podem ser valorizadas, considerando critérios diferenciados de qualidade, criatividade, ruptura e inovação que por inúmeras

¹ Terapeuta Ocupacional, Mestranda em Patrimônio Cultural UFSM. mimassirer@hotmail.com

² Professora Orientadora. Professora convidada do PPGPPC/UFSM. Pós-Doutorada em Belas Artes, Doutorada em Sociologia, Mestre em Ciências Sociais e Graduada em História e Museologia. Professora do Mestrado em Museologia e Patrimônio da UNI-RIO e da Pós-Graduação em História da UFBA. helocosta@uol.com.br

³ Professora Co-orientadora. Terapeuta Ocupacional, Professora do Departamento de Terapia Ocupacional UFSM. Doutora em Educação -UDM-Chile. Mestre em Ciência da Motricidade Humana UCBRJ, Especialista em Psiquiatria Social- FIOCRUZ.RJ. [dra.ritabarcellos@gmail](mailto:dra.ritabarcellos@gmail.com)

razões que levariam o autor a ser inserido em uma das tipologias de patrimônio considerada pela Unesco, a de talento humano vivo, devido às condições em que se encontrava quando produziu tal obra. Concluindo esses espaços de criação tornaram-se ferramentas potentes para o resgate e constituição de uma nova conexão identitária desses sujeitos, ao abrir mão da identidade de louco e improdutivo, além de ressaltar a importância dessa arte como patrimônio cultural simbólico e representativo desse segmento populacional. Assim, a identidade “patrimônio vivo” e o sentimento de pertencimento social para essas pessoas, além de ressignificar o cotidiano pode contribuir para o avanço da reforma psiquiátrica.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Cultural, Nise da Silveira; Arte Bruta.

Introdução

A reforma psiquiátrica brasileira emerge da ruptura com o modelo nosocomial, em busca da extinção progressiva destas superestruturas, para a constituição de uma rede de dispositivos territoriais de cuidado (BITTENCOURT e MARINHO, 2016). Fazendo uma reflexão histórica, os gregos, por exemplo, não acreditavam na loucura como fenômeno mórbido, uma vez que a percebiam como algo ligado as forças divinatórias, vendo-a como fonte de conhecimento (MUNÕZ et al, 2007, p.136). O que possível observar, num salto temporal indo para o início do século XX, é que nesta época estes pensamentos não eram partilhados por todos os psiquiatras. Em especial, pode-se destacar a psiquiatra Nise da Silveira que se rebelou contra os ditames da psiquiatria tradicional e, diferente dos seus colegas, acreditava que a loucura (a qual ela chamava de estado diferenciado de ser) poderia ser tratada por meio da arte, onde ela, como uma rebelde propunha a implosão física dos manicômios (Nise da Silveira, 2009).

Desse modo, (MUNÕZ et al 2007, p.136) assevera que a psiquiatra rebelde apostava na arte como uma janela para o inconsciente e, assim como os gregos, acreditava que mesmo em situação de loucura a pessoa era possuidora de um grande conhecimento, por hora negado em estados conscientes. Ainda sobre Nise, (MUNÕZ et al, 2007, p.143) diz que a partir do ateliê de pintura da Terapia Ocupacional fundado no Hospital Psiquiátrico D. Pedro II, passou a abordar outra forma de tratamento, através da arte, onde os pacientes podiam expressar-se através dela.

Dionísio (2001, p.1) também relata que a “Dra.” Nise da Silveira foi uma renomada psiquiatra alagoana importante, sobretudo, nos estudos acerca da arte psicopatológica, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi militante em defesa dos doentes mentais e repudiava

tratamentos desumanos como eletrochoque, lobotomia e coma insulínico. Além disso, foi a idealizadora e fundadora do Museu de Imagens do Inconsciente.

O Museu de Imagens do Inconsciente surgiu na seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), no Centro Psiquiátrico Nacional; lá eram realizados trabalhos como pintura, tecelagem, e outros trabalhos manuais. Porém, este setor era pouco frequentado pelos doentes mentais, em contrapartida eram utilizados grandes aparatos medicamentosos, e choques de eletrocardizol, e coma insulínico, como forma de tratamento (DIONÍSIO, 2001).

Segundo o autor acima, ao assumir a direção da seção Nise da Silveira negouse a utilizar os métodos psiquiátricos vigentes, optando por um método mais psicológico de tratamento. Então decide criar um setor de ateliê de pintura e escultura, inaugurado ainda em 1946, no dia 09 de setembro, dando assim maior visibilidade ao processo de cura que pretendia encontrar com a utilização de atividades expressivas.

Toledo afirma que Nise da Silveira ao chegar ao setor de terapêutica ocupacional representou uma mudança importante, transformando as atividades ocupacionais, antes voltadas para a economia asilar, para serem substituídas por atividades expressivas, tais como música, modelagem, pintura. Além de expressivas, eram entendidas como possuidoras de efeitos terapêuticos. Desse modo, Nise da Silveira ao ser guiada por novas intuições e percepções começou a fazer da terapêutica ocupacional o seu campo de pesquisas (TOLEDO, 2011/2012, p.1)

1. Nise da Silveira – Um breve histórico

Nise da Silveira era alagoana, nasceu em Maceió em 15 de fevereiro de 1905, filha única de pai professor e jornalista e de mãe pianista. Durante a infância, como não tinha com quem brincar Nise brincava com animais e foi por isso que desenvolveu forte ligação e apreço pelos animais com os quais aprendeu a ter carinho e cuidado. (LIMA,

2014). Lima (2014, p.1) salienta que “essa ligação com os animais não se tornaria apenas uma forte relação de amizade, Nise desenvolveria o trabalho com os animais, tendo estes a função de co-terapeutas”.

Nise iniciou a faculdade de medicina no ano de 1921, na cidade de SalvadorBahia, com apenas 16 anos de idade. Ao entrar na faculdade enfrentou grandes dificuldades, a primeira dentre elas era o fato de ser a única mulher a estudar medicina naquela instituição (LIMA, 2014).

Bernardo Horta traz em uma de suas publicações, uma fala da própria Nise:

Como vocês sabem, eu era a única aluna mulher naquela faculdade onde só estudavam homens [...] Na foto da minha formatura, podese ver: 157 rapazes e uma moça – eu. Guardo ainda o retrato da turma, onde apareço sozinha no meio de todos eles. Às vezes me perguntam se os rapazes me incomodavam. Não... Na Faculdade de Medicina nunca fui assediada pelos alunos. Até porque eu era muito brava. Não exatamente brava... Era séria, sobretudo uma lutadora. (BERNARDO HORTA, 2009, p.133).

Nise se formou em 1926, em uma turma de 157 homens, sendo ela a única mulher e defendeu a tese “Ensaio sobre a criminalidade da mulher no Brasil” (LIMA, 2014). Sobre a trajetória de Nise, Lima salienta que os períodos entre os anos de 1930 e 1940 foram marcados pelas perseguições contra os revolucionários e adeptos das ideias comunistas. Nesta época ocorreram muitas prisões, torturas e mortes. A médica alagoana também foi presa, pela ditadura de Getúlio Vargas, sendo acusada de subversão (LIMA, 2014).

Câmara (2002, p.1) em uma publicação para a Revista Psychiatry salientou que Nise da Silveira foi singular na psiquiatria brasileira e utilizou alguns adjetivos para se referir a ela: “Pequenina e frágil, era uma gigante em força e coragem”. Segundo o autor supracitado, foi a primeira psiquiatra a utilizar a Terapia Ocupacional como forma de tratamento no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro, atualmente Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro-RJ. Lima aponta em suas citações o objetivo de Nise na sala de Terapia Ocupacional para as oficinas da Seção de Terapia Ocupacional, esses objetivos apontavam para a aprendizagem e pratica de diversas atividades, a expressão e mostra da criatividade, utilizando tais atividades não como passatempo, mas como uma metodologia terapêutica para o tratamento daquelas pessoas (LIMA, 2014, p.9).

As oficinas se tornaram uma fonte de estudo para Nise que passou a compreender um pouco da mente e do inconsciente de cada um através dos objetos que eram criados. Essa prática foi aos poucos mostrando que tratamentos tradicionais e violentos poderiam ser substituídos por ateliês de pintura e modelagem.

A partir de então, segundo Lima (2014, p.10) “Nise começou a provar com base em algumas teorias e nas práticas do dia-a-dia que aqueles indivíduos sentiam, pensavam, imaginavam e podiam se expressar e demonstrar um pouco do que se passava em suas mentes”. O autor ainda relata que, como haviam diversas pinturas criadas, a Doutora Nise com a ajuda do jovem artista Almir Mavignier, criou um espaço dentro de uma sala no próprio hospital para expor os objetos produzidos pelos então chamados de loucos e

incapazes pela sociedade em geral, mas que ela mesma dizia” pessoas em estado diferente de ser”.

Lima (2014, p.10) menciona que anos depois, precisamente em 1952, é fundado o Museu das Imagens do Inconsciente por Nise da Silveira, espaço reservado para a exposição das obras e trabalhos dos artistas do Engenho de Dentro. Sobre os feitos de Nise, o autor ainda comenta que tempos mais tarde, Nise criaria a Casa das Palmeiras, esse espaço teria sido o primeiro espaço dia no Brasil, contando com a ajuda de outras pessoas que auxiliaram para que esse novo espaço ganhasse visibilidade e reconhecimento como utilidade pública pela lei 176 de 16 de outubro de 1963.

A Casa das Palmeiras, que funciona até os dias atuais, subsidiou discussões sobre novas formas de cuidado em saúde mental e foi com base nesta Instituição que surgiram os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), existentes atualmente em todo o país com o objetivo de substituir o modelo hospitalocêntrico. Era o início da luta antimanicomial no Brasil da qual a Dra. Nise da Silveira foi pioneira.

2. A Terapia Ocupacional e sua relação com a arte e a loucura

Ao falar sobre a arte, Paz (1987) apud Frayze-Pereira (1999, p.1) diz que “a arte transcende, ou melhor, ignora a diferença entre as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, como ignora a diferença entre primitivos e modernos”.

A partir da citação do autor pode-se compreender a arte como forma de aproximar os diferentes sujeitos, capaz de respeitar todas as formas de sentir e viver, sem fazer distinção. A terapêutica ocupacional proposta por Nise da Silveira se propunha a aproximar o dito louco da arte, possibilitando um encontro consigo mesmo, através da utilização de diferentes matérias como forma de expressão do inconsciente.

Gouvêa (2008, p.613) salienta que o processo da terapia ocupacional parte do pressuposto que os objetos materiais (argila, tintas, madeira, etc.) possibilitam a passagem de uma emoção muitas vezes e imprecisa numa série de imagens originais cujo traçado reveste exteriormente rudimentar os objetos situados no interior do sujeito. Por intermédio dos objetos concretos tornar-se-ia possível construir uma ponte entre o mundo da realidade do sujeito e o mundo do delírio, aceito-o em sua subjetividade.

Zoschke (2006/2007, p.97) lembra que “a arte pode proporcionar um lugar de sujeito do desejo àquele que é tomado pela sociedade como o que não sabe o que diz.” Esse é um autor

que ressalta que através da arte é que a loucura ganha voz e o sujeito tem a possibilidade de expressar-se mesmo após séculos em silêncio.

Desse modo, o mais relevante é a possibilidade que o sujeito tem de, através da arte, mostrar-se ao mundo, garantindo o seu lugar social. Fazendo o deslocamento do lugar de louco, para que o sujeito passa a ser artista, livrando-se do estigma e alcançando um estatuto próprio, ocupando uma posição na rede da cultura. (ZOSCHKE 2006/2007, p.97).

3. A Arte Bruta como Patrimônio Cultural simbólico de um grupo específico

Demarchi (2010, p.1-3) defende a ideia da arte como área do conhecimento e acredita que a arte é uma ferramenta importante sobretudo porque é capaz de aproximar diferentes grupos sociais.

A arte, em si mesma, é um conteúdo e também é uma “ferramenta”, um meio de aproximar e valorizar diferentes indivíduos, grupos e culturas. Ou seja, um meio que promove a expressão e troca de saberes, experiências de vida e pontos de vista. O trabalho com arte pode aproximar as pessoas, sejam colegas de equipe, alunos e outras pessoas da comunidade.

Em seu texto elaborado para o material multimídia do Projeto Formação de Educadores em Arte o autor supracitado reitera a importância da arte no cotidiano dos sujeitos por possibilitar a mudança do olhar, valorizando, sobretudo a sensibilidade, as memórias e o lúdico. Segundo ele a arte proporciona o surgimento de espaços criativos, surpreendentes e diferentes, os quais são capazes de ressignificar as próprias experiências e as dos outros e resgatar os modos de pensar agir, e ainda provocar as relações daqueles que não se se apercebiam como esquecidos. (DEMARCHI, 2010, p.3)

A partir das palavras da autora podemos considerar que a arte pode ser considerada Patrimônio Cultural, portanto também histórico, pois resgata experiências pensamentos e revela acontecimentos e inclusive grupos sociais por hora esquecidos. Segundo informações coletadas no site do mestrado da UFSM, o patrimônio histórico é: “É o conjunto de bens que contam a história de uma geração através de sua arquitetura, vestes, acessórios, mobílias, utensílios, armas, ferramentas, meios de transportes, obras de arte, documentos”

Arte Bruta, Fonseca (2009, p.411) salienta que: “A ideia de *Art Brut* é lançada pelo pintor Jean Dubuffet, que qualificou artisticamente, e pela primeira vez, do ponto de vista da crítica, as criações dos não profissionais, inclusive a dos pacientes psiquiátricos”

Thomazoni (2011, p.615) reitera dizendo que: “O conceito Arte Bruta denomina as obras que são produzidas por sujeitos que não se encontram no sistema de mercado da arte, pessoas sem formação artística, distante de ambientes sofisticados e intelectuais.”

Pensando no ato artístico a partir da Arte Bruta, Dubuffet citado por Zanetti (2008, p.1) diz que: “o ato artístico completamente puro e cru é reinventado na totalidade de todas as suas fases pelo seu autor, agindo apenas segundo seus impulsos”. Sendo assim é imprescindível partilhar do pensamento de Demarchi (2010, p.11) que nos instiga a pensar na arte como patrimônio e identidade cultural, principalmente pelo poder que ela possui de resgatar a identidade, enriquecer culturalmente e artisticamente os sujeitos envolvidos, além de ser uma ferramenta emancipadora, que poderá ser utilizada ao longo da vida em um processo de transformação contínua.

4. Considerações Finais

Torna-se relevante a partir deste artigo repensar e rever as formas de tratamento que veem sendo utilizadas atualmente no tratamento de usuários dos serviços de saúde mental. Este artigo possibilita ainda a reflexão quanto as possibilidades de serem realizadas exposições com as produções dos usuários dos serviços, uma vez que oportunizará ao sujeito e a possibilidade de ser escutado e compreendido enquanto sujeito, resgatando o sentimento de pertencimento social. Destaca-se assim, a importância deste artigo ao proporcionar aos leitores, uma visão ampla sobre patrimônio histórico e cultural, demonstrando a possibilidade de inclusão deste tema em outras áreas de estudo.

O artigo evidencia a arte como uma “ferramenta”, um instrumento pelo qual se aproxima, se recupera e se valoriza diferentes tipos de indivíduos, na sua subjetividade, os inserindo em grupos e culturas aparentemente distantes da sua realidade, ou seja, em um meio que promove a expressão e a troca de saberes, experiências de vida e pontos de vista, englobando-os na sociedade como um todo. Neste caso, de “louco”, isto é “pessoa em estado diferenciado de ser”, conforme a delicadeza e respeito humano Niseriano, o sujeito passará a ser visto e a ver-se como artista, livrando-se do estigma social enraizado pela falta de oportunidade de existir e de conviver socialmente com a sua loucura.

Concluindo esses espaços de criação tornaram-se ferramentas potentes para o resgate e constituição de uma nova conexão identitária desses sujeitos, ao abrir da identidade de louco e improdutivo, além de ressaltar a importância dessa arte como patrimônio cultural simbólico e representativo desse segmento populacional. Assim, a

identidade “patrimônio vivo” e o sentimento de pertencimento social para essas pessoas, além de ressignificar o cotidiano pode contribuir para o avanço da reforma psiquiátrica.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, RCB; MARINHO, LCP orgs. **Delicadas tecituras a construção de uma rede de saúde mental.** ed CRV.Florianoplois.2016.

DIONÍSIO ,GH. **Museu de imagens do inconsciente: considerações sobre sua história.** Psicol Cienc Prof. 2001; 21(3):30-5. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414989320010003005 Acesso em 07 de out de 2016.

FONSECA T. M. G., THOMAZONI , A.R, LOCKMANN, V. BUTKUS,V. **Espaços heterotópicos, imagens sobrepostas: Encontros entre arte, loucura e memória.** Rev psicologia ciência e profissão, 2009, 29 (2), 406-415.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a15.pdf>. Acesso em 20 de out de 2016.

FRAYZE, PEREIRA, J. **O desvio do olhar: dos asilos aos museus de arte.** Psicologia USP, v. 10, n. 2, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010365641999000200004&script=sci_arttext. Acesso em 10 out. 2016

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOUVÊA, A.P. **A evolução da terapia ocupacional.** Revista Ciência e Vida – Psique, ano 3, n. 7, p. 24-29, 2008.

HORTA, B.C. **Nise: arqueóloga dos mares /** Bernardo Carneiro Horta. – 2.ed., reimpr. – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. Il.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro. **Guia Básico de Educação Patrimonial.** Museu Imperial. IPHAN/MinC. Brasília,1999.

MESTRADO **Patrimônio CULTURAL CESH –UFSM.** Disponível em:<http://coral.ufsm.br/ppgppc/index.php/duvidas-e-dicas/78-patrimonio-historicocultural-eambiental-natural>. Acesso em 20 de Out de 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MUÑOZ, A. H; PESSOA, A. P. S.; OLIVEIRA, V. S. **“O inconsciente, a criação artística e uma experiência” de Arte-Educação com Psiquiatrizados de Salvador.** 2007. Disponível e. m: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/1731>. Acesso em: 16/10/2016.

TOLEDO, M. S.R. de. **Entre a Arte e a Terapia: as “imagens do inconsciente” e o surgimento de novos artistas.** PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 1, n. 3, 2011/2012. Disponível em: <http://www.revistaproa.com.br/03/?page_id=275>. Acesso em: 07/10/2016.

THOMAZONI, A. R.; FONSECA, T. M. G. **Encontros possíveis entre arte, loucura e criação.** Mental, Barbacena, v. 9, n. 17, p. 605-620, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16794427201100020007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out 2016.

ZANETTI, M. V. **O Museu de Arte Bruta de Lausanne.** Revista de Psiquiatria Clínica, v.35, n.1, p.38-38, 2008. Disponível em:<http://producao.usp.br/handle/BDPI/9434>. Acesso em 20 de out 2016.

ZOSCHKE, C. **A arte e a loucura: uma aproximação histórica.** Anais v fórum de pesquisa científica em arte Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006/2007. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/camila_zoschcke.pdf. Acesso em 16 out. 2016.